

**METÁFORAS DESCRITIVAS NA CONSTRUÇÃO DA
PERSONAGEM PROTAGONISTA EM ‘A HORA DA ESTRELA’
DE CLARICE LISPECTOR**

Luiz Alves Firmino

Mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

Este estudo trata das relações metafóricas por meio da descrição em excertos de “A hora da estrela” de Clarice Lispector. Propõe-se, à luz da teoria da linguística de texto, analisar as sequências descritivas e a construção dos significados na constituição da personagem protagonista. Para tanto, estudou-se a teoria do descritivo, sob a perspectiva de Charadeau (2012), que apresenta o descritivo como Modo de organização Textual e Marquesi (2004[1996]), que apresenta o descritivo como tipologia textual, por meio das categorias da designação, individuação e definição, esta última, fundamenta nosso estudo.

Palavras-chave: metáfora, tipologia, descritivo.

Considerações iniciais

O estudo sobre a linguagem humana não é novo. Estudiosos de todas as épocas debruçam-se em torno do advento da comunicação feita pelo homem e suas marcas tão pertinentes para a compreensão da evolução da espécie.

A linguística, como ciência da linguagem, contribui decisivamente para que esse processo seja explorado, materializando os fenômenos da língua e constituindo epistemologicamente seu método de análise a partir da estrutura hierárquica, fenômeno estruturalista proposto por Saussure (1916), seu principal representante, que se desenvolve a partir do início do século XX, numa tríade: linguagem heteróclita, língua (*langue*) e fala (*parole*), na qual a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, não podendo, assim, ser modificada. Segundo o mestre genebrino,

A língua, ao contrário, é um todo em si mesmo e um princípio de classificação. Uma vez que nos lhe atribuímos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (SAUSSURE, 1966. P. 25)

A linguagem pode ser definida por concepções diversas em diferentes linhas teóricas de pesquisa, situadas nas mais diferentes épocas. Aqui adotaremos uma concepção de linguagem que se sobrepõe como um mecanismo de ampla interação munida tanto de aspectos sincrônicos, no que tange ao uso estrutural da língua, quanto diacrônico, eivada dos pressupostos sócio-históricos que a constituíram, ou, como postula Kristeva (2007:16) “a linguagem é simultaneamente o único modo de ser do pensamento, a sua realidade e a sua realização”.

Embora não tenham sido conclusivos, os estudos estruturalistas deixaram um grande legado ao descreverem a língua como um sistema de uso coletivo, de significação arbitrária, dita do ponto de vista sincrônico – pois, desconsiderava o caráter histórico da língua em suas relações com o passado - para a compreensão do processo comunicativo por meio do uso de um sistema, como o próprio Saussure denomina, observando que o dito pelo homem é materializado no signo linguístico: a palavra.

Essas teorias em torno da linguagem humana contribuem para as acepções futuras sobre a interação humana e suas relações comunicativas.

A Linguística de texto

Iniciados nos anos de 1960, os estudos em torno do texto ganham notoriedade, num momento em que a pesquisa linguística se dedicava em descrever os fenômenos sintático-semânticos em enunciados ou em sequências de enunciados, momento que tem como marca a análise transfrástica, na tentativa de explicar o fenômeno linguístico além da frase, numa corrente da Linguística, denominada Linguística Textual.

A Linguística Textual, oriunda, sobretudo dos países germânicos (Alemanha, Países-Baixos) ou do Reino Unido, tinha por objeto específico os processos de construção textual, por meio da interação texto-sujeito, em que se estabelecem as relações de sentido no processo de comunicação.

O primeiro momento da Linguística Textual, na década de 1960, é marcado pelos estudos que partiam da frase para o texto, o da análise transfrástica. O segundo momento, na década de 1970, foi marcado pela elaboração das gramáticas textuais. Segundo Koch (1989), os estudiosos estavam ainda bastante presos ou à gramática estrutural ou à gramática gerativa e se ocupam em construir gramáticas de texto. Em 1980, teve início a terceira fase dos estudos em Linguística Textual, ganhando corpo o que Koch (2003) denomina Teorias do Texto.

De acordo com Koch (1989:11), a

Linguística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação, *não mais a palavra ou frase isolada, mas o texto, considerando a unidade básica de manifestação da linguagem*, visto que o homem se comunica por meio de texto... (grifo nosso)
O texto é muito mais do que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa.

Desse modo, os estudos da linguística de texto avançam em considerar que o processamento do texto depende não só das características internas do texto, mas também do conhecimento dos sujeitos, num processo ativo e contínuo de sentido, ativado por sua relação sociocultural, num determinado contexto.

A Teoria Semiolinguística do discurso e o descritivo

Para a teoria Semiolinguística do Discurso de Charaudeau (2012), o descritivo, por ele denominado “modo de organização do discurso”, é um procedimento discursivo que, dependendo do objeto de análise, pode produzir determinado efeito de sentido, dar significados, chegar a determinado resultado na construção da descrição. Segundo o autor, a descrição é um resultado, o descritivo é um processo.

Desse modo, a organização do descritivo se baseia numa atividade de linguagem, *o descrever*, que consiste em “*dar existência a um ser*”, designando-o, definindo-o e especificando-o de maneira subjetiva, produzindo assim, diferentes significados, de acordo com a finalidade comunicativa a que se propõe o sujeito no ato da descrição.

Charaudeau (2012) propõe três componentes para a composição descritiva: nomear, localizar/situar e qualificar.

Para o autor, **Nomear** consiste em dar existência a um ser por meio de uma dupla operação: perceber uma diferença na continuidade do universo e simultaneamente relacionar essa diferença, o que constitui o princípio da classificação. Essa percepção e essa classificação dependem do sujeito, responsável pela subjetividade da descrição, motivado pela sua percepção do mundo e de sua forma de interpretá-lo.

Já **Localizar / situar**, segundo Charaudeau (2012), consiste em determinar o lugar que um ser ocupa no espaço e no tempo. Essa localização espaço-temporal é responsável por suas características, na medida em que, para sua existência, para sua função, para sua razão de ser, esse ser depende de uma posição no tempo e no espaço.

Por último, **Qualificar**, para Charaudeau (2012), é reduzir a infinidade do mundo, por meio da construção de classes e subclasses de seres, atribuindo-lhes um sentido particular, de maneira mais ou menos objetiva.

Qualificar é, pois, uma ferramenta que permite ao sujeito dar uma substância e uma forma particulares a esses seres, manifestando sua imaginação e sua forma particularizada de interpretar as coisas existentes no mundo.

O descritivo como tipo textual

Segundo Marquesi (2004[1996]), o descritivo, sob o enfoque da tipologia de textos, tem uma organização que se define pelas categorias da **designação** - voltada para o movimento de condensação do texto -, **definição** e **individuação** - voltadas para o movimento de expansão do texto -, em um espectro segundo o qual o descritivo é um enunciado de ser que expande uma designação cuja estruturação é caracterizada pela fórmula $x \text{ é } y$, em que x está para a designação e y para a expansão.

Categoria da designação

Para Marquesi (2004), a designação compreende nomear, indicar, dar a conhecer para se determinar e qualificar, condensar num recorte lexical, na busca de significados.

Ou, como postulam Greimas & Courtés (*apud* Marquesi, 2004:103):

O termo designação é empregado ora como sinônimo de denotação ou de referência - indicando, nesse caso, o estabelecimento ou a existência de uma relação entre o signo linguístico e o mundo natural (ou entre signos pertencentes a duas semióticas diferentes) -, ora para constatar uma equivalência entre duas unidades linguísticas de dimensões sintagmáticas diferentes ou pertencentes a níveis linguísticos distintos.

Assim a designação caracteriza-se pelo processo de relação de lexias, - que vai além de um recorte vocabular (de dicionário) num eixo puramente sintagmático -, sendo, portanto, uma expressão da subjetividade num recorte referencial a partir dos contextos de produção na construção de significados.

Categoria da definição

Para Marquesi (2004[1996]), baseando-se na definição de Ferreira (1975), definir compreende determinar a extensão ou os limites de, bem como anunciar os atributos essenciais e específicos (de uma coisa), de modo que a torne inconfundível com outra.

Desse modo, a categoria *definição* está correlacionada com a categoria designação por uma relação de paráfrase, sendo, para Marquesi (2004), um conjunto de predicções sequenciadas a uma designação pelo saber partilhado.

Categoria da individuação

A individuação, para Marquesi (2004[1996]), baseando-se na definição de Ferreira (1975), compreende especificar, distinguir, ou seja, especializar, particularizar, tornar particular, revelando, segundo a autora, que a especificidade de um ser apresenta não apenas um tipo específico, mas uma existência singular, determinada no tempo e no espaço.

A construção de sentido do descritivo na narrativa de Clarice Lispector

A linguagem é elo entre o homem e o mundo, um instrumento que une o homem como indivíduo na construção de um ser engajado em um processo psicossocial, constitutivo de sua condição. De posse da linguagem, o homem se manifesta em suas diferentes percepções, ocupa os espaços e se mostra por meio dos recortes que faz da realidade em que vive e de que faz parte.

Essa leitura do mundo, esse recorte da realidade em busca da subjetividade – constituição do sujeito, indivíduo – é o que pode se ver na escritura de Clarice Lispector. A autora descreve em sua obra, a vida e a morte (a existência), o homem, o indivíduo e o mundo. Sua obra carrega características de uma ideia de ruptura com o modelo clássico de escrever literatura, marca do modernismo de que faz parte.

A condição humana, na busca pelo cotidiano abrupto da crônica, as relações sociais, a desconstrução de um ideário romântico, características da literatura de então, são pontos importantes da escrita lispectoriana, uma representante incontestável de um novo olhar da arte literária no século XX.

Análise de excertos de “A hora da estrela” de Clarice Lispector

Conforme apontado na seção 2, a organização do descritivo se constrói a partir das categorias designação, definição e individuação. Para apresentarmos os resultados obtidos para esse modo de organização, levaremos em conta, em nossa análise, esses mesmos componentes, bem como a configuração da personagem em excertos do romance “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector:

- (1) “E a **jovem** (ela tem dezenove anos) ... se eu tocar no pão da **moça** esse **pão** se tornará em ouro – e a jovem não poderia mordê-lo morrendo de **fome**”.¹

¹ Clarice Lispector, “A hora da estrela” p. 15

Percebe-se em (1) a categoria da designação na construção da personagem pela identificação adjetivada por (jovem)/(moça), definindo – por meio do artigo (a), um ser do sexo feminino e de pouca idade, seguida pelos substantivos (pão)/(fome). A partir dessa encenação descritiva, é possível construir uma imagem de mulher-jovem-pobre que apresenta um quadro de miserabilidade, com privações da subsistência, que compõe a caracterização da personagem.

(2) “Que não se esperem, então estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de **matéria opaca** e por sua própria natureza desprezível de todos”.²

(3) “Ela como **cadela vadia** era teleguiada por si mesma”.⁴

(4) “Brutalidade essa que ela parecia provocar em sua **cara de tola**, rosto que pedia tapa”.⁵

(5) “Ninguém olhava para ela na rua, **ela era café frio**”.⁶

(6) “antes de nascer ela era uma ideia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? Mas que **bela fina talhada de melancia**”.⁷

(7) “**Ela era subterrânea** e nunca tinha tido floração. Minto: **ela era capim**”.⁸

A organização textual verificada nos excertos - (2), (3), (4), (5), (6), (7) -, apresenta a categoria da *individuação*, numa expansão do referente por meio de expressões adjetivas pejorativas que revelam tanto traços psicológicos (da *moça*), em (2), (3) e (4) na constituição de sua personalidade, quanto sociais em (6) e (7), vivendo à margem de uma sociedade, que não a percebe.

Assim, verifica-se a constituição de uma personagem submersa, ‘subterrânea’, em que a descrição cumpre uma proposta de mostrar a ‘face opaca’ de uma moça pobre, migrante nordestina na cidade grande.

(8) “O céu é para baixo ou para cima? Pensava **a nordestina**. Deitada, não sabia. Às vezes antes de dormir senti fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir”.⁹

² idem, p. 16; ⁴ idem, p. 18

A marca da brasilidade, do ‘povo sofrido’, representado pela nordestina migrante que vive em condições de extrema miserabilidade: ³“ela é nordestina e eu tinha que botar para fora um dia o nordeste que eu vivi” ¹⁰

Sob outro aspecto, a personagem pode ser também a catarse de um sofrido passado judeu, evocação da cultura hebraica, presente em seu nome – Macabéa -, lembrando a luta dos macabeus, que resistiram defendendo o templo no Monte Sião contra as forças dos gregos e recusando a desobedecer às leis judaicas¹¹.

Percebe-se uma relação metafórica por meio dos elementos descritivos, especialmente em (2), (3),(5),(6) e (7), em que os termos em destaque transferem, em uma sequência pejorativa, a construção de uma personagem que pretende demonstrar mais do que uma “moça pobre”, acrescida da descrição em (8) que marca uma determinada parte geográfica do país, o nordeste e suas mazelas sociais, por meio da condição precária a que a protagonista é submetida.

Essa descrição, com efeito, traz à tona as questões sócio-históricas de uma região do Brasil, na figura da ‘moça’, expondo uma realidade adversa, marca de um povo que sempre viveu à margem da sociedade, numa progressão de sentidos, (**jovem, moça, tola, nordestina**), quase hiperonímia, na composição da personagem.

A partir desses exemplos, percebemos a descrição como estrutura textual que cumpre, por meio das relações metafóricas, a composição da personagem em que os elementos descritivos constroem, além da caracterização física e psicológica, trazem à tona as relações coexistentes entre classes e a discussão de uma realidade social que permeia a expressão artístico-literária de uma época.

Considerações finais

Este trabalho teve como proposta analisar excertos de “A hora da estrela” de Clarice Lispector sob a perspectiva da teoria do descritivo como tipologia textual, pois,

³; ⁵ idem, p. 25; ⁶ idem, p. 27; ⁷ idem, p. 28; ⁸Idem, p. 31

⁹ Idem, p. 32

¹⁰ Clarice Lispector, Entrevista, MIS-RJ, 20 out. 1976.

¹¹ Vieira N. H, “A expressão judaica na obra de Clarice Lispector”, PP. 207-209.

segundo Marquesi (1999[2004]), o descritivo é organizado por sequência caracterizada pela designação, individuação e definição.

Percebemos que a encenação descritiva mantém, por meio das relações metafóricas, a constituição da personagem numa relação psicossocial – características físicas e psicológicas -, materializada na figuração de uma realidade marcada pela privação da subsistência, no exemplo da migrante nordestina.

Sendo assim, pode-se considerar o descritivo como estrutura textual a qual cumpre realizar, além da adjetivação que caracteriza a composição da personagem, as marcas discursivas presentes na construção da textualidade, como elemento indispensável para a compreensão da obra de Clarice Lispector, nos excertos estudados.

Referências

- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e Discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2012.
- GOTLIB, N.B. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KRISTEVA, Julia. (1969). *História da Linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Edições 70: Lisboa.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARQUESI, Sueli. *A organização do texto descritivo*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

ABSTRACT

This study deals with the metaphorical relationships through the description in excerpts from "A Hora da Estrela" by Clarice Lispector . It is proposed , in the light of the theory of linguistic text , analyze the descriptive sequences and the construction of meaning in the constitution of the protagonist character . Therefore, we studied the theory of descriptive , from the perspective of Charadeau (2012) , which presents the descriptive as organization mode Textual and Marquesi (2004[1996]), which presents the descriptive as text typology , by category the designation , individuation and definition , the latter based our study.

Keywords: metaphor, typology , descriptive .

Envio: Outubro/2014

Aprovado para publicação: Abril/2015